



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14045 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Da ruína ao micélio: processos de criação em formação

Virna da Silva Bemvenuto - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Da ruína ao micélio: processos de criação em formação

Resumo:

A presente pesquisa de mestrado em andamento opera com duas imagens conceituais que desenham o percurso investigativo: a ruína e o micélio fúngico, que apontam caminhos para reimaginar a escola como potência artística. A primeira convida a pensar com as deformações: o arruinamento da educação pública pelas precarizações e avanços das lógicas neoliberais. A segunda, os micélios fúngicos, convocam a pensar a proliferação de movimentos engendrados de vida que resistem e (re)existem em contextos precarizados. O processo investigativo move-se com proposições poeticopedagógicas no contexto escolar, tomando o pensamento poético como umidade necessária para o amolecimento das práticas desvitalizantes que nos arruinam e para proliferação de modos mais vitalistas de fazer escola.

Toma-se a cartografia como metodologia que acolhe as vivências cotidianas da docente mestranda. Os resultados parciais tratam de contribuições para a atualização da interlocução entre os campos da educação e da arte contemporâneas, em uma perspectiva epistemometodológica que desloca modos hegemônicos de pesquisa e formação.

Palavras-chave: Educação, Arte contemporânea, Escola, Pensamento poético

O presente texto deriva de uma pesquisa de mestrado em andamento em uma universidade federal. Vislumbra construir relações entre processos de criação e formação nos

contextos da educação básica - nas duas escolas públicas cariocas onde atuo - e também no tocante ao meu próprio processo formativo como docente e artista. Como artista-pesquisadora-professora de artes visuais na educação básica, considero a urgência de nos atentarmos às ruínas que nos perpassam diante do avanço das lógicas neoliberais - que se alicerçam no desempenho, na eficiência e no individualismo e adentram a educação com premissas e interesses mercadológicos - e as precarizações e violências que vigoram, especialmente, em escolas localizadas em territórios em vulnerabilidade social. Debruço-me a estudar e propor processos de formação afetados e sensíveis que compreendam a criação como força ética-estética-política para o enfretamento de tais ruínas. Para tanto, a pesquisa se faz com método cartográfico, acompanhando os processos de invenção que desenham outros territórios possíveis.

Tensionando e ampliando noções de arte e de pedagogia, esta pesquisa sustenta-se no pensamento poético como possibilidade radicalmente política para reimaginar a escola pública como potência artística. Com Severino Antônio (2009), compreendo o pensamento poético como um pensar por imagens que “amplia as margens da razão” (2009, p.66). Enquanto a razão se ocupa em definir questões de modo direto e unívoco, pensar por imagens implica a complexidade de conviver com a pluralidade de sentidos. Um pensamento que fissa as formas fixas e “pensa o mundo enquanto inventa, compreende-o enquanto o produz” (FARIA, 2022, p. 100).

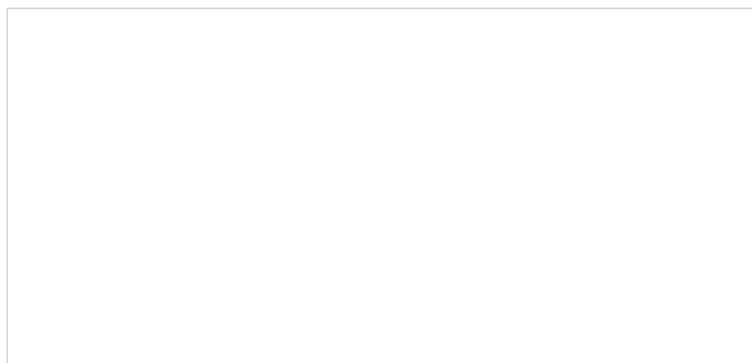
Proponho o pensamento poético como força criadora de “inéditos viáveis” (FREIRE, 2005) que emergem diante da imposição das “situações-limite” (FREIRE, 2005) que nos perpassam em territórios arruinados e que, por vezes, limitam nossa busca pelo “Ser Mais” (FREIRE, 1993) – conceito freiriano que expressa a vocação ontológica do ser humano de vir a ser mais do que se imagina.

Com Gogan e Morais (2017), investigo a arte participativa em sua dimensão experimental, política e educativa no contexto brasileiro, com recorte para os Domingos da Criação – proposições experimentais de criação coletiva que borraram fronteiras entre arte e educação, acontecidas nos jardins do Museu de Arte Moderna (RJ) em 1971 -, buscando compreender como as práticas de arte ao se aproximarem das questões relativas a experiência e coletividade, assumem uma dimensão educativa. Com Gonçalves (2019) e sua investigação sobre a criação de escolas como prática artística a partir da virada educacional da arte, encontro caminhos para entender como metodologias artísticas se convertem em pedagogias instituintes. Tais estudos fomentam em mim o interesse em compor, enquanto docente, a possibilidade de viver a escola no contexto da educação formal enquanto um devir artista.

A pesquisa se faz com metodologia cartográfica pois se interessa por traçar um mapa das vivências cotidianas da docente mestrande. Travessias, deslocamentos, fluxos que compõem/ decompõem experiências, buscando anunciar um fazer que pressupõe o processo de criação como pensamento motriz do processo pedagógico. Nesse sentido, o fazer cartográfico acontece com produção artística que opera como invenção de uma língua que se

dá desde o corpo, na desterritorialização de uma identidade docente para a invenção de um modo artista de ser professora. Procuo, diante das intensidades de meu tempo e suas circunstâncias sociais “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 1989).

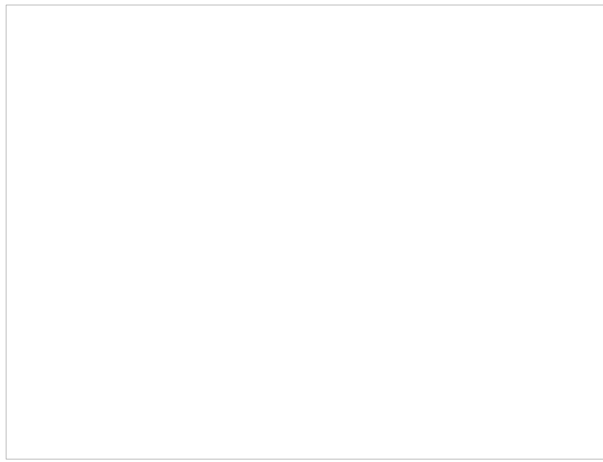
Nesse sentido, lanço mão de duas imagens que nos convidam a pensar a partir de um campo simbólico e sintetizam de modo metafórico as ideias aqui propostas – ambas oriundas das escolas onde atuo. A ruína - imagem disparadora dessa pesquisa – figurada em um escombros da demolição de um cômodo para a construção de uma sala de aula, que passo a nomear poeticamente de Pedaco de escola, convoca à dupla anunciação de denúncia e de anúncio. Decompõe-se do todo por um gesto de deformação, desmanchando uma estrutura, desabando sua verticalidade, deslocando uma dureza e abrindo espaço para a formação de outros mundos.



Pedaco de escola, 2021. Acervo pessoal

Compreendendo o Pedaco de escola como uma existência em suspensão, localizada entre o que foi e o vir a ser, “[...] em algum lugar na interface de uma aparência fugaz e de uma inscrição sobrevivente[...]” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.132), confronto-me com a seguinte questão: que outras formações são possíveis a partir das deformações enunciadas?

Chego à sala de aula e me deparo com quadro branco desabado da parede. Revela-se ali, um desenho com traçado rizomático: os micélios fúngicos se proliferavam umidamente, silenciosamente, no vão escuro entre a parede e o quadro. O micélio é a parte vegetativa dos fungos, aquele que carrega os nutrientes até onde o fungo necessita para gerar processos de decomposição de morte em vida.



Micélios fúngicos, 2022. Acervo pessoal

A proliferação dos micélios trata-se da proliferação de movimentos engendrados de vida que se alastram sobre as superfícies do mundo e que nos fazem desconfiar da imutabilidade das coisas, dos arranjos das formas fixas, “dos lugares cristalizados, das clausuras, das obrigatoriedades, das naturalizações, seja no campo da vida cotidiana, da arte ou da ciência.” (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p. 20).

Junto a Tim Ingold (2015), diante da imagem dos micélios fúngicos, assumo que a vida escapa à contenção dos “limites das formas fixas” pelo fluxo contínuo do que atravessa (INGOLD, 2015, p. 140) e com Anna Tsing (2019), que há vida emergente nas ruínas apesar da morte que se anuncia em um estado global de precariedade. Assim, tomo como hipótese que o pensamento poético – como potência micelial por sua umidade proliferadora - pode atuar sobre circunstâncias condicionantes que limitam nossa capacidade de Ser Mais (FREIRE, 1993): traçando linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996) por meio das quais desvia, resiste e insiste umedecendo a dureza e apostando no espaço educativo como “tempo de possibilidade, não de determinação” (FREIRE, 2010, p. 75).

Como resultados parciais, a pesquisa vem vislumbrando dilatações conceituais que contribuem para a atualização da interlocução entre os campos da educação e da arte contemporânea, gestando caminhos possíveis para o pensamento educacional no Brasil na atualidade, em uma perspectiva epistemo-metodológica que desloca modos hegemônicos de pesquisa e formação. Considerando as urgências de nossos tempos, no que tange os retrocessos no campo da educação pelo avanço das lógicas neoliberais e as inúmeras precarizações que nos perpassam, reimaginar a escola como potência artística mobiliza à

outras formações possíveis.

Referências

ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus, 2009

DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. v. 3, Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017

FARIA, Priscilla Menezes de. **O pensamento poético como estratégia de reencantamento do mundo**. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 43, p. 88- 105, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.5>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 42ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. 42ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

_____ **Paulo Freire: nós podemos reinventar o mundo**. [Entrevista cedida a] Moacir Gadotti. Nova Escola, São Paulo, v. 8, n. 71, p. 8-13, nov. 1993.

GOGAN, Jéssica. MORAIS, Frederico. **Domingos da Criação: uma coleção poética do experimental em arte e educação**. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017

GONÇALVES, Mônica H. **Antes que se vuelva pedagogía: a criação de escolas como prática artística**. Tese (Doutorado em Artes) - Centro de Artes. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Apresentação. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Thiago (Orgs.) **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019

